

COLAGEM: Linguagem artística para arte-educação em escolas em áreas de vulnerabilidades sociais

Walace RODRIGUES¹⁹

Resumo

Este artigo nasce dos estudos para o projeto de pesquisa intitulado “Colagem artística para uso na educação escolar: Possíveis práticas de ensino” e objetiva refletir sobre a técnica artística da colagem, tendo em vista uma perspectiva de valorização da colagem artística nos ambientes escolares. O tipo de pesquisa utilizada foi a qualitativa e de cunho bibliográfico. Os resultados mostram a importância da colagem enquanto mecanismo de experimentação artística para a arte-educação, auxiliando sobremaneira em uma educação estética baseada nas imagens e nas múltiplas possibilidades que suas associações colagistas nos oferecem em forma de textos ricos em sentidos e significações.

Palavras-chave: Arte-educação; Colagem artística; Educação escolar.

Abstract

This paper is born from the studies for the research project entitled "Artistic collage for use in school education: Possible teaching practices" and it aims to think about the artistic technique of collage, in view of a perspective of valuing artistic collage in school environments. The type of research used hereby was qualitative and of bibliographical nature. The results of this paper show the importance of collage as a mechanism of artistic experimentation for art education, greatly assisting in an aesthetic education based on images and the multiple possibilities that their collage associations offer us in the form of texts rich in meanings and meanings.

Keywords: Art-education; Artistic collage; School education.

Introdução

Este trabalho nasce a partir dos estudos finais do projeto de pesquisa intitulado Colagem artística para uso na educação escolar: Possíveis práticas de ensino²⁰, com

¹⁹ Pós-Doutor pela Universidade de Brasília. Doutor em Humanidades, mestre em Estudos Latino-Americanos e Ameríndios e mestre em História da Arte Moderna e Contemporânea pela Universiteit Leiden (Países Baixos). Licenciado em Educação Artística/ História da Arte pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e com complementação pedagógica em Letras/Português e em Pedagogia. Professor da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). E-mail: walace@uft.edu.br.

²⁰ Tal projeto teve seu nome modificado para “Colagem artística para uso na educação escolar: possíveis práticas de ensino em escolas com vulnerabilidades educacionais” no começo do ano de 2018, isso para

execução entre 2015 e 2018, na Universidade Federal do Tocantins (UFT), no campus de Araguaína. Ele se dedica a mostrar a importância do uso da colagem na arte-educação, principalmente em escolas com vulnerabilidades.

Acreditamos que tal técnica artística tão acessível pode e deve ser usada como recurso na alfabetização imagética dos estudantes de todas as idades, principalmente nas escolas com alta vulnerabilidade educacional. Além disso, acreditamos que a colagem auxilia na criação inventiva de novos discursos visuais.

Este artigo deseja deixar claro que o trabalho com imagens no ambiente de ensino de artes na escola pode ser mais profícuo por meio da utilização da colagem artística. Tal utilização passa não somente pelas maneiras de execução de uma colagem, mas também ratifica que a colagem instaura uma forma nova de pensamento, onde imagens se unem para criar um “signo novo”, instaurando uma maneira de pensar não linear, diferente da maneira de pensar linear-discursiva a qual estamos acostumados (cf. Pignatari, 1997, p. 72).

Sobre a colagem na História da Arte

Vemos que é necessário mostrar, por meio do campo teórico da História da Arte, como as colagens foram empregadas enquanto objetos de arte. Fazendo uma contextualização histórica, valemo-nos dos ensinamentos de Ana Mae Barbosa (1995), quando relatando os passos de sua “Triangulação Pós-Colonialista do Ensino da Arte” (mais conhecida como “Metodologia Triangular”): contextualização da obra dentro do período e da sociedade que a produziu, criação artística e leitura das produções estéticas. Aqui buscamos situar a colagem a partir do panorama cubista do começo do século XX.

A colagem, enquanto arte, toma sua forma com Pablo Picasso (1881-1973), Georges Braque (1882-1963) e Juan Gris (1887-1927). Esses artistas plásticos foram os artistas mais relevantes no uso da colagem durante o período cubista. Eles faziam suas pesquisas sobre tridimensionalidade utilizando cartões, pedaços de jornais e revistas e

adaptar-se a uma das linhas de pesquisas do Programa de Pós-Graduação em Demandas Populares e Dinâmicas Regionais (PPGDire/UFT), onde atuamos.

“colado-os” ao quadro. Esse período cubista²¹ de uso de colagens foi chamado pelos historiadores da arte H. Janson e Anthony Janson (1996) como “cubismo de colagem”. Utilizamos uma passagem desses autores para explicar o uso de materiais descartados para a feitura de colagens:

Por que Picasso e Braque subitamente preferem os conteúdos da cesta de lixo ao papel e a tinta? Porque começaram a pensar na superfície do quadro como uma espécie de bandeja na qual “serviriam” a natureza-morta ao observador, e porque descobriram que a melhor maneira de explorar esse novo conceito era colocar objetos reais sobre a bandeja. Os ingredientes de uma colagem, na realidade, têm um duplo papel; foram moldados e combinados, e depois desenhados ou pintados com o objetivo de lhes conferir um sentido figurativo, mas também sua identidade original como fragmentos de materiais. Assim, a função é tanto *representar* (serem parte de uma imagem) e *apresentar* (serem eles próprios). Nesse papel, dão à colagem uma autossuficiência que nenhum quadro do Cubismo Facetado teria dado. (Janson; Janson, 1996, p. 367-8)

Vale informar que Pablo Picasso e Georges Braque foram os grandes utilizadores das colagens para as muitas experiências cubistas, conforme nos informa Carol King (2009) na passagem a seguir:

Com o amigo Braque, Picasso criou as técnicas e as teorias para o audacioso estilo cubista, que retrata formas tridimensionais em planos bidimensionais, gerando obras figurativas como *Mulher com violão* (1911) e naturezas-mortas como *Pássaros mortos* (1912). Ele também inverteu o processo espacial para fazer com que objetos tridimensionais parecessem imagens planas em esculturas cubistas como *Violão* (1912-1913). Picasso e Braque criaram o cubismo sintético logo em seguida. Nele, as pinturas incorporavam colagens de jornais e recortes de papel e tecido, como em *Garrafa e taça de vinho sobre uma mesa* (1912). (King, 2009, p. 324)

Braque também trabalhou na busca da tridimensionalidade em superfícies bidimensionais. Ele se utilizou de colagens para, como Pablo Picasso, espacializar planos bidimensionais. Utilizamos, a seguir, uma passagem de Lucy Askew (2009) sobre a técnica desse artista:

Embora Braque não fosse um desenhista competente, sua destreza na pintura era intuitiva. Usando uma palheta monocromática, ele desconstruiu naturezas-mortas em vários planos e temas cada vez mais complexos e abstratos. Usando suas habilidades artísticas para

²¹ O Cubismo pode ser dividido em algumas fases, de acordo com o seu desenvolvimento na obra de Pablo Picasso, sendo eles: fase primitiva (de 1908 a 1909), do famoso quadro pré-cubista *Les Femmes d'Alger (O Jovem Ouvreiro)*, de 1907; cubismo analítico (de 1908 a 1912) e o cubismo sintético (de 1912 a 1913).

imitar a superfície da madeira, Braque renovou o caráter ilusório da pintura. A invenção da técnica do *papier collé* (papel colado), em 1912, na qual Braque acrescenta pedaços de papel na tela, chamou a atenção para a monotonia da imagem plana. (Askew, 2009, p. 328-9)

Juan Gris foi outro artista que se utilizou bastante de colagens como técnica artística para produzir vários trabalhos cubistas. Crescido na longa tradição artística espanhola, com referências tais como o pintor barroco Diego Velázquez (1599-1660), Juan Gris foi exímio experimentador de técnicas e sistemas artísticos. Usamos uma passagem de Serena Cant (2009) sobre as contribuições deste artista para o cubismo:

Quando Gris se envolveu com o cubismo, o estilo já estava se espalhando por várias direções. Objetos podiam ser integrados às pinturas, enquanto formas quebradas, sem nenhuma relação aparente com determinado item, podiam ser combinadas para sugerir uma outra forma. Gris tentou integrar e sintetizar esses elementos (cubismo sintético) usando outros fragmentos, dessa vez de cores naturais, formas e perspectivas. As sombras envolviam os objetos, indicando espaço e a existência de um segundo plano, ao passo que os próprios objetos podiam ser distorcidos. (Cant, 2009, p. 345)

Esses três artistas trabalharam em suas colagens não somente a tridimensionalidade, mas também com o uso do relevo, da adequação e do equilíbrio dos objetos agregados. Pois, quando um pedaço de folha de jornal cortado a mão se associa a uma embalagem de cigarro e a uma figura icônica, tudo isto junto, com todas suas referências midiáticas e culturais, cria o que Décio Pignatari chamaria, como já foi dito, de um “signo novo” (1997, p. 72), um trabalho artístico original e cheio de referências.

Outro conhecido artista a trabalhar com colagens foi Henri Matisse (1869-1954). Seus conhecidos “desenhos com tesouras”, feitos a partir de 1943, foram colagens de recortes de papel pintado. Lucinda Hawksley (2009) nos fala sobre essa técnica de Matisse:

Depois de uma cirurgia para extirpar um câncer abdominal em 1941, Matisse ficou incapacitado para a pintura. Ficar em pé frente a um cavalete bastava para lhe causar uma dor insuportável. Foi nessa época que ele começou os famosos recortes que podia criar na cama ou numa cadeira. Seus assistentes pintavam folhas de papel com tinta guache em cores vívidas. Matisse então recortava os papéis e os dispunha na tela. De estilo abstrato e claramente naif, Matisse adorava essa nova forma de arte, chegando a dizer que seus recortes

alcançavam “uma perfeição maior” do que sua pintura e escultura. (Hawksley, 2009, p.294)

É importante frisar que, quando uma figura não está completamente colada e deixa-se ver os espaços entre a base e a figura, isso demonstra uma utilização “quase escultural” do espaço. A colagem, portanto, possibilita pensar criticamente as imagens com as quais lidamos no nosso dia a dia, mas também com os espaços, texturas e nuances sensíveis que deixamos de perceber.

Também, a utilização de imagens retiradas de revistas e jornais para formar uma nova imagem com sentido próprio faz com que pensemos sobre o equilíbrio destas imagens associadas, buscando com que esta nova imagem criada, esse “signo novo”, funcione de maneira independente e dialógica com o espectador.

Ainda, o cubismo sintético (1912-1913), enquanto estilo artístico final das experiências cubistas, demonstra essas últimas experimentações dos cubistas na busca do espaço escultural em bases bidimensionais e na demonstração da bidimensionalidade de objetos tridimensionais.

O Dadaísmo²² também contribuiu para a importância da colagem. Nesse movimento colagens, fotomontagens e assemblagens (composições tridimensionais a partir de uma gama de materiais reaproveitáveis). Os artistas Raoul Hausmann (1886-1971) e Hannah Höch (1889-1978) foram alguns dos artistas que muito se utilizaram das colagens durante o período dadaísta.

Foram os artistas do Novo Realismo francês, no começo dos anos 1960, que trouxeram novamente as colagens para a cena artística. Trabalhando com “restos” de publicidade eles reformularam o que se entendeu enquanto colagem. Importantes artistas que trabalharam com colagens nesse movimento foram Arman Fernandez (1928-2005), César Baldaccini (1921-1998), Daniel Spoerri (1930), Martial Raysse (1936), Niki de Saint Phalle (1930-2002), entre outros. A passagem abaixo ajuda-nos a entender

²² O Dadaísmo surge enquanto movimento artístico contra a irracionalidade da Primeira Guerra Mundial. Tal movimento defendia a desordem criadora, a incoerência e o absurdo enquanto pensamentos criativos. Tal movimento nasceu em Zurique (Suíça) e teve como principais artistas Hugo Ball, Tristan Tzara, Marcel Janco, Hans Richter, Jean Arp, Sophie Täuber e Emmy Hennings. Espalhou-se rapidamente pelo mundo e congregou outros artistas, como Lázár Márkovich Lisitski, conhecido como “El Lissitzky”, Kurt Schwitters, Hannah Hoch, Guillaume Apollinaire, Andre Bretón, Max Jacob, Marcel Duchamp, Man Ray, Dragan Aleksi e Tomoyoshi Murayamaen.

o movimento do Novo Realismo francês:

Para os Novos Realistas (Arman, François Dufrène, Raymond Hains, Yves Klein, Jean Tinguely e Jacques Villeglé), o objeto se torna um protagonista em seu próprio direito de expressão. O nascimento oficial do Novo Realismo, que reúne uma dúzia de artistas, aconteceu em 27 de outubro de 1960 na casa de Yves Klein, com Arman, François Dufrene, Raymond Hains, Yves Klein, Raysse Marcial, Daniel Spoerri, Jacques Mahé do Villéglé, Jean Tinguely. Novo Realismo = nova abordagem perceptiva do real. Outros nomes foram se adicionando ao movimento, como os de César, Gerard Deschamps, Mimmo Rotella e Niki de Saint Phalle. Este movimento se colocou como uma filiação do Dadaísmo e de Duchamp. Esses artistas tinham o mesmo interesse nas imagens da cultura de massa, cujos objetos eram apropriados. (Numartis, s/d, tradução nossa)

Os novos realistas franceses não somente trabalham com a colagem tradicional, mas também incorporam elementos de propaganda, de música e objetos de todo tipo para confeccionarem suas assemblages. Essas assemblagens partem do princípio da colagem, porém incorporam muitos e variados objetos e imagens a partir da ideia da acumulação. Esses trabalhos também mostravam direta relação com os *readymades* de Marcel Duchamp.

Os artistas do novo realismo francês também trabalharam com a *décollage* (o que seria uma técnica “oposta” à colagem), onde eles buscavam retirar pedaços de papéis colados, principalmente de imensos cartazes de propaganda publicitária.

Também nos anos 1960, o movimento da *Pop Art* toma conta dos EUA, tendo Andy Warhol (1928-1987) como seu grande artista. Ele trabalhou basicamente com imagens e meios de comunicação para criar uma forma de visualidade que incorporava criticamente o capitalismo e ironizava-o. Seus retratos de personalidades famosas na época e em cores vibrantes fazia de tais personalidades objetos de consumo de massa por meio de gravuras.

No Reino Unido, Richard Hamilton (1922-2011) também trabalhou dentro do movimento da *Pop Art*, sendo um dos seus precursores. Sua famosa colagem “Just what is it that makes today's homes so different, so appealing?” (O que torna uma casa de hoje tão diferente, tão atraente?”, tradução nossa), de 1956, é uma das imagens mais marcantes do movimento da *Pop Art*.

No Brasil, artistas atuais, como Henrique Oliveira, utilizam-se do mecanismo da

colagem para fazer instalações de lascas de tapumes usados com pedaços de papelão entintados. Essas construções espacial de Oliveira têm muitas formas arredondadas, aconchegantes, que lembram muito as linhas do Barroco brasileiro.

Podemos verificar que a instalação de Henrique Oliveira incorpora os mecanismos da colagem para expandi-los no espaço. Ainda, podemos mesmo pensar em um movimento de “montagem estrutural” a partir dos princípios da colagem.

Também, o pensar a colagem como uma “montagem” de imagens anacrônicas pode ser uma das possibilidades de compreensão desse fazer artístico, como nos diz Karoline Marianne Barreto (2013) utilizando-se do pensamento de Didi-Huberman (*apud* Barreto, 2013, p. 214):

Sobre a qualidade de montagem que o atlas possui, Didi-Huberman ressalta que Mnemosine propõe algo bem diferente daquilo que se pensa sobre montagem: não é somente escolher e reunir as imagens sobre uma narrativa, mas, sim, um dispositivo fotográfico organizado de maneira complexa a fim de oferecer ao espectador uma maneira visual e impensada de encontrar a memória da história, pertencente a um anacronismo fundamental: a memória da história é decifrada através de um jogo anacrônico visual.

As imagens diferentes escolhidas para compor uma colagem instauram um “jogo anacrônico visual” único, como nos diz Barreto (2013). Elas foram criadas em tempos diferentes, mas podem ser repensadas a partir de uma colagem de hoje.

No que se refere à atual cena brasileira de colagem, artistas de hoje têm trabalhado muito com essa técnica artística, levantando novas formas de pensar as imagens e seus agrupamentos e arranjos. Exemplo de artistas de colagem com relevância na cena nacional hoje são: Gabriella Garcia, Ingrid Bittar, André Bergamin, Luiza de Alexandre, Domitila de Paulo, entre outros. Todos têm a colagem como principal forma expressiva e instauradora de novas realidades visuais.

Podemos pensar, também, que o vasto e complexo uso das imagens feito na era atual, principalmente pela indústria da publicidade (ligada ao consumo de massa ou de elite), já nos parece tão próximo que deixamos de perceber tais imagens criticamente. Passam-nos despercebidas as imagens produzidas digitalmente e alteradas com a utilização de vários programas de software. No entanto, nunca lembramos que essas associações de imagens estão ligadas às colagens, às assemblagens, às *décollages*, às

instalações, etc, e muito devem a elas.

A colagem artística na arte-educação escolar

Podemos dizer que a colagem é uma técnica artística de combinação de imagens e materiais. O trabalho de colagem funciona a partir dos nexos criados pelas associações de imagens, pelas relações entre essas imagens e pela representação do ideal criativo (ideia, intenção) do artista. A colagem trabalha com conceitos oriundos da pintura e da escultura e foi a partir do Dadaísmo e do Cubismo, nos começos do século XX, que a colagem passou a ter valor artístico, deixando de ser considerada como brincadeira de criança ou manifestação artística popular sem fundamentação crítica.

Reafirmamos que a colagem é uma técnica artística, pois lida com as características físicas e sensíveis dos materiais empregados, exigindo uma maneira específica de trabalho. Ela se utiliza de uma linguagem visual a partir da associação de imagens, o que ajuda-nos a dar significação ao mundo que nos cerca. E ela instaura uma forma única de pensamento, pois nos leva, de uma maneira específica, a delimitar caminhos lógicos e a buscar soluções por meio do discurso visual.

Enquanto arte-educadores, é fácil notar como as pessoas, mesmo muitos de nossos estudantes, estão despreparadas para analisar imagens e para utilizá-las num discurso visual, reinterpretando tais imagens de uma maneira que façam sentido e funcionem esteticamente. Nesse sentido, a colagem artística e sua utilização contínua podem nos ajudar a compreender essa nova maneira de pensar a partir das partes para o todo, criando um “signo novo”. Décio Pignatari (1997) nos diz que:

A introdução do signo novo implica alargamento do repertório e permite reduzir a taxa de redundância do sistema. Segue-se que a invenção, a originalidade (informação) é vital para a ordem do sistema, que buscará, por sua vez, sempre, novos estados de equilíbrio, através do processo conhecido como *homeostase*²³. (Pignatari, 1997, p. 54)

Ainda, a arte-educadora Ana Mae Barbosa (1995) nos fala da importância vivencial de aprendermos várias linguagens. Lembramos que utilizar linguagens diferentes requer adaptação a diferentes formas de pensar. No entanto, antes de sermos letrados, temos

²³ Aqui entendemos a homeostase como o processo de manter em constante equilíbrio após o contato com algo novo, adaptando-se a novas formas de pensar e conhecer. Esse processo é uma constante na arte-educação que realmente educa estética, visual e sensivelmente.

que ser alfabetizados das mais variadas maneiras, e a escola pode nos ajudar nessa tarefa.

Também, aprender e utilizar novas formas de linguagens são ações que fazem com que educadores e estudantes se relacionem de maneira diferente com o mundo, engendrando-se num caminho de buscas intelectuais e sensíveis entre práticas e teorias, conforme nos informa Paulo Freire (1974):

Enquanto ato de conhecimento, a alfabetização, que leva a sério o problema da linguagem, deve ter como objeto também a ser desvelado as relações dos seres humanos com seu mundo. A análise destas relações começa a aclarar o movimento dialético que há entre os produtos que os seres humanos criam ao transformarem o mundo e o condicionamento que estes produtos exercem sobre eles. Começa a aclarar, igualmente, o papel da prática na constituição do conhecimento e, conseqüentemente, o rol da reflexão crítica sobre a prática. A unidade entre prática e teoria, ação e reflexão, subjetividade e objetividade, vai sendo compreendida, em termos corretos, na análise daquelas relações antes mencionadas. (Freire, 1974, p. 13)

Portanto, buscar compreender as imagens que nos cercam é também buscar formar para o sensível, para além da linguagem escrita, e a colagem artística pode nos ajudar muito no caminho do conhecimento sensível e intelectual. Os professores devem estar preparados para a tarefa de educar para o sensível como nos diz Wallace Rodrigues (2013):

[..] ensinar arte não é uma missão para artistas, mas para pessoas críticas, com um espírito curioso e com ânsia de conhecimento. Também, não há homem completo sem que a vertente artística deste homem seja explorada, vertente esta que lida com as sensações externas e as respostas internas (emocionais e cognitivas) a essas sensações. (Rodrigues, 2013, p. 305)

Vemos que a intencionalidade do fazer artístico e a necessidade de comunicar sentidos e pensamentos passam a ser alguns dos objetivos para se trabalhar com a colagem artística dentro do ambiente escolar.

Dessa forma, a utilização da colagem nas instituições escolares pode ser de grande valia, tanto para professores, quanto para educadores, pois ela instaura uma nova forma de pensar a partir da associação de imagens já existentes para a criação de algo novo e que emite significações linguísticas.

A linguagem da colagem artística em escolas com vulnerabilidades

A colagem é uma linguagem que pode ser executada por meio de uma técnica bastante acessível. Os materiais para uma colagem podem ser encontrados facilmente, como cola, papel (ou outro material) para suporte, revistas, jornais, panfletos, pedaços de madeira, restos de tecidos etc. Além disso, podemos utilizar materiais recicláveis para compor uma boa colagem.

Ainda, a facilidade da experiência de criação de uma colagem é mais um dos pontos que favorecem a utilização da colagem em escolas com alta vulnerabilidade educacional. Enquanto vulnerabilidade educacional, Rodrigues (2017) nos diz que:

[...] podemos pensar no conceito de vulnerabilidade educacional, remetendo à insuficiência de oportunidades educacionais, o que prejudica os indivíduos em sua prosperidade e desenvolvimento sociais. A oferta precária de educação, com poucas e mal cuidadas escolas públicas, falta de professores, ausência ou insuficiência de merenda escolar, grandes distâncias entre casa e escola, entre outros fatores, podem ser considerados como problemas de vulnerabilidade educacional. (Rodrigues, 2017, p. 20)

Nesse sentido, a falta de material escolar para trabalhos artísticos também é um fator de vulnerabilidade educacional, pois inviabiliza o acesso dos estudantes a uma experiência estética completa e condizente com uma boa qualidade artística e educacional desejada.

Aqui apresentamos algumas dicas para se trabalhar com colagens com turmas de qualquer idade, da Educação Infantil ao Ensino Superior, pois alfabetização visual deve ser a prioridade quando trabalhando com colagem. Utilizamos aqui uma passagem de Ana Mae Barbosa (1995) para confirmar a necessidade de alfabetização em todos os níveis no Brasil:

Nosso problema fundamental é alfabetização: alfabetização *letral*, alfabetização emocional, alfabetização política, alfabetização cívica, alfabetização visual. Daí, a ênfase na leitura: leitura de palavras, gestos, ações, imagens, necessidades, desejos, expectativas, enfim, leitura de nós mesmos e do mundo em que vivemos. Num país onde os políticos ganham eleições através da televisão, a alfabetização para a leitura da imagem é fundamental e a leitura da imagem artística, humanizadora. **Humanização é o que precisamos**

instituições entregues aos predadores políticos profissionais que temos tido no poder nos últimos trinta anos. (Barbosa, 1995, p. 63, negrito da autora)

Assim como nos diz Barbosa, a colagem pode ser uma grande aliada na alfabetização visual das pessoas (crianças e adultos), formando cidadãos mais críticos em relação ao que assistem na mídia.

Obviamente, há que se compreender as especificidades materiais e conceituais quando trabalhamos com crianças pequenas ou com adultos. Por exemplo: crianças na educação infantil e no ensino fundamental devem usar tesouras sem pontas para evitar acidentes, alguns materiais são de mais difícil manuseio do que outros, algumas vezes as colas devem ser mais aderentes do que colas para papel, entre outros pontos a pensar antes de planejar uma atividade de colagem.

Além disso, o educador deve estar atento a todas as possibilidades de criação e saber qual material usar com determinada turma (exemplo: jornais, revistas, papéis de diferentes cores, produtos recicláveis etc.). Se as crianças em idade infantil ainda não se sentem seguras com o uso de tesouras, pode-se cortar as imagens à mão.

É importante dizer que no processo de criação de uma colagem a última coisa que se fará será efetivamente é colar! Damos aqui o passo a passo da colagem:

- a) Escolher um fundo, ou seja, uma imagem que sirva de fundo. Geralmente esta imagem seria de um tamanho grande;
- b) Pensar em um tema para a colagem (este tema pode estar ligado a um conteúdo trabalho na disciplina de Artes ou em outras disciplinas);
- c) Buscar as imagens em revistas e jornais que seriam relevantes para a composição da colagem;
- d) Cortar, contornando estas imagens escolhidas, evitando imagens quadriculadas e buscando valorizar as curvas;
- e) Almejar um arranjo “ideal” para as imagens, pois elas devem funcionar juntas, evitando, assim, imagens deslocadas umas das outras;
- f) Após encontrar as imagens que funcionariam juntas (algumas vezes menos é mais) e suas posições, devemos começar a colar pela imagem que representará o fundo;
- g) Evitar excesso de cola;
- h) Evitar colocar bordas, pois estas imobilizam a colagem e fazem-na parecer um

mural;

i) Ainda, entender que imagens parcialmente coladas ou pendentes dão uma dimensão tridimensional ao trabalho.

Após a confecção das colagens, coloque todas elas no quadro com fita tipo durex e deixe os estudantes analisarem as produções. Perguntas como: O que vemos aqui? O que você quis nos dizer com esta associação de imagens? Qual lhe parece mais interessante? Quais as cores que mais chamam nossa atenção? Entre outras perguntas possíveis para interrogar as colagens expostas.

Lembre-se que cada ser humano é um universo e produz trabalhos completamente diferentes. Não diga que este ou aquele trabalho está maravilhoso ou péssimo! Não compare os trabalhos, mas tente analisá-los a partir de aspectos formais (cores, linhas, tamanhos, texturas, formas etc.) e, só depois das respostas iniciais, parta para uma análise de sentidos.

Acreditamos que as colagens podem ser uma ferramenta muito importante no aprendizado artístico de crianças e adultos, mobilizando materiais distintos por meio de um mecanismo único de pensamento criativo. Para as “Diretrizes Curriculares da Educação Básica - Artes” (2008) do estado do Paraná os sentidos devem ser a porta de entrada para uma visão coerente e crítica do mundo que nos cerca:

A Arte é fonte de humanização e por meio dela o ser humano se torna consciente da sua existência individual e social; percebe-se e se interroga, é levado a interpretar o mundo e a si mesmo. A Arte ensina a desaprender os princípios das obviedades atribuídas aos objetos e às coisas, é desafiadora, expõe contradições, emoções e os sentidos de suas construções. Por isso, o ensino da Arte deve interferir e expandir os sentidos, a visão de mundo, aguçar o espírito crítico, para que o aluno possa situar-se como sujeito de sua realidade histórica. (Governo do Estado do Paraná, 2008, p. 56)

Nesse sentido, acreditamos que as colagens podem auxiliar sobremaneira na formação dos sentidos a partir das múltiplas visualidades que essa técnica nos proporciona quando empregada coerentemente na educação.

Não podemos esquecer, também, que o trabalho com imagens no âmbito escolar é necessário em uma sociedade da comunicação globalizada, onde as imagens são, muitas vezes, mais relevantes do que os textos escritos.

Ainda, a colagem permite que as crianças em escolas vulneráveis educacionalmente tenham contato com importantes conceitos como composição, espaço, cor, texturas, textualidade (ligada à linguagem visual), entre tantos outros. Tais conceitos artísticos podem ser trabalhados de forma bastante contundente com as colagens, aguçando a curiosidade e o senso crítico das crianças.

Nesse sentido, não podemos compreender o desinteresse atual das escolas pelas colagens artísticas, já que essas últimas podem ser fundadoras de uma forma única de reflexões criativas, levando a pensar de forma específica e criativa.

Últimas considerações

Pudemos verificar, com este trabalho, que as colagens não são somente uma técnica artística, mas são, também, uma forma de linguagem visual e um mecanismo de criação inusitado, levando a resultados únicos e cheios de novas significações.

Por meio da colagem, que é uma técnica barata de se trabalhar com os sentidos na educação escolar, podemos fazer com que nossos estudantes aprendam a “sair da caixinha” (cf. Rodrigues, 2013) e comecem a pensar mais criativa e inventivamente.

Não podemos esquecer que muito pode ser aprendido com a utilização da colagem, tanto para crianças quanto para adultos. Novas formas de ver e reinterpretar o mundo podem ser desenvolvidas através desse mecanismo artístico de pensamento.

Além disso, as escolas com variadas vulnerabilidades educacionais e sociais podem empregar esse mecanismo construtivo com facilidade, pois os materiais utilizados para uma colagem são de fácil acesso e de simples utilização.

Para finalizar, vale dizer que os mais brilhantes resultados artísticos podem ser alcançados através da utilização da colagem. Essa técnica, forma de pensar, maneira de conceber o mundo dos sentidos e mecanismo de criação deve ser sempre empregada numa educação esteticamente crítica.

Referências bibliográficas

ASKEW, L. Georges Braque. In: **501 Grandes Artistas**. FARTHING, Stephen (Ed.). Rio de Janeiro: Sextame, 2009, p. 328-329.

BARBOSA, A. M. Educação Pós-colonialista no Brasil: Aprendizagem Triangular. **Comunicação e Educação**. São Paulo, n. 21, p. 59-64, jan./abr. 1995.

BARRETO, K. M. O 31º panorama da arte brasileira como montagem em Warburg. **Revista Palíndromo**. Nº 9 /2013 – Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais – CEART/UDESC, p. 210-217.

CANT, S. Juan Gris. In: **501 Grandes Artistas**. FARTHING, Stephen (Ed.). Rio de Janeiro: Sextame, 2009, pág. 345.

FREIRE, P. A alfabetização de adultos como ato de conhecimento. **Movimento**. Retirado do Jornal da Educação, Lisboa, cerca de 1974.

GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica - Artes**. Secretaria de Educação do Paraná, 2008.

HAWKSLEY, L. In: **501 Grandes Artistas**. FARTHING, Stephen (Ed.). Rio de Janeiro: Sextame, 2009, p. 292-295.

JANSON, A; JANSON, A. F. **Iniciação à História da Arte**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

KING, C. Pablo Picasso. In: **501 Grandes Artistas**. FARTHING, Stephen (ed.). Rio de Janeiro: Sextame, 2009, pág. 322-325.

NUMARTIS. "L'objet" d'art. Pop art et nouveau réalisme. **Galerie Numartis**. Sem data. Disponível em: <https://www.numartis.fr/2007/12/23/lobjet-dart>. Acesso em: 15 abr. 2018.

PIGNATARI, Décio. **Informação linguagem comunicação**. 11 ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

RODRIGUES, Wallace. Lançando um olhar relacional para a vulnerabilidade educacional e a educação popular. **Revista Didática Sistemica**, v. 19, n. 1, 2017, p. 7-28.

RODRIGUES, W. "Saindo da caixinha" com arte-educação: Experiências estéticas no ParFor. **Anthesis: Revista de Letras e Educação da Amazônia Sul-Ocidental**. Cruzeiro do Sul (AC): UFAC/CEL (Campus Floresta), ano 2, n. 3, 2013, p. 300-311.